

# O ESPADIM NA ESCOLA NAVAL

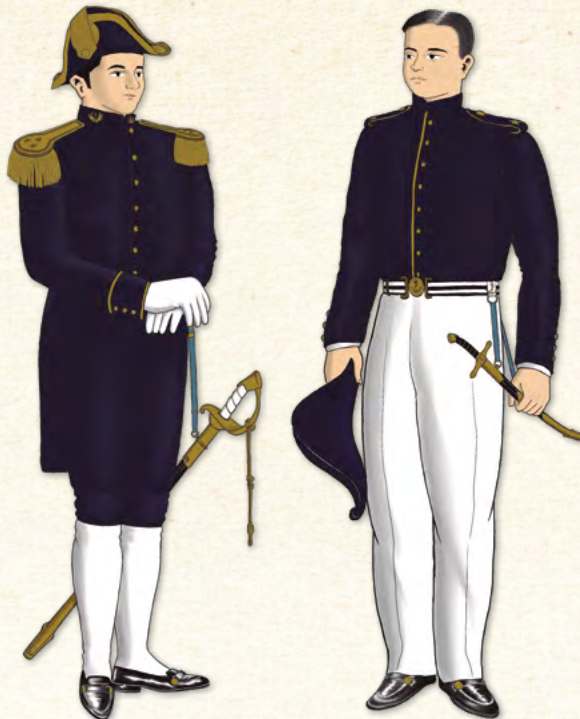
Yerson de Oliveira Neto \*

*“Se as espadas exigiam a aproximação de dois ou mais combatentes para a desintegração de pelo menos um deles, o Espadim foi um instrumento de integração de mentes e almas.”*

**Citação do autor**

Escrever acerca do espadim na Escola Naval é escrever sobre pessoas. Elas que deram perenidade a este símbolo e que poderão expressar sentimentos e emoções do período que o portaram. Duas centúrias de história. Podemos mencionar os Almirantes Tamandaré e Barroso, o Ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Alfredo Karam, que em março de 2024 completou cem anos de vida, e a nossa geração, que, ao ser partícipe deste legado, se conecta para confirmar aos jovens de Ville-gagnon os valores inscritos na “Rosa das Virtudes”. É o momento de juntar dados, reescrever e dar visibilidade à História Naval. Uma oportunidade para esclarecer fatos que compõem a História Militar com a dinâmica que ela possui.

Os dados coligidos me permitem escrever, com o rigor bibliográfico requerido, os acontecimentos para o período que começa com a Independência do Brasil, quando a Academia trocou o nome de “Real” pelo



**Uniformes de Guarda-Marinha e Aspirante, em 1823**

Ilustração de Daniel Ribeiro, funcionário do Clube Naval

“Imperial”<sup>(1)</sup>, até os nossos dias. “A mudança de nacionalidade e de nome não a destruiu, nem a substituiu, mas a continuou plenamente”<sup>(2)</sup>. Tanto que os Estatutos de 1795<sup>(3)</sup> permaneceram, além de seus arquivos, a biblioteca e “mais que tudo ficou a sua alma, ficaram as suas tradições que perduraram até os dias de hoje”<sup>(4)</sup>.

A Academia Nacional e Imperial de Marinha, em consonância com os acontecimentos, incorporou a Bandeira do Império<sup>(5)</sup> e, com a nova denominação, permaneceu instalada no Mosteiro de São Bento<sup>(6)</sup>, nos arredores dos diversos poderes constituídos.

São dois os propósitos deste trabalho. Primeiro é o de demonstrar que o espadim dos Aspirantes já fazia parte dos uniformes da Academia Real de Portugal, teve a sua continui-

dade na Academia Nacional Imperial da Marinha e permanece até os dias de hoje. O segundo é o



**Bandeira do Império, modelo desenhado pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret**

de registrar os valores enaltecidos neste símbolo e repercutir as expressões de sentimentos e emoções de quem teve o privilégio de acesso e viveu o período de formação na Escola Naval.

A expressão continuidade é pertinente por considerar que a “*espada pequena amarella*” se encontra como item da relação de uniformes daquela Academia Real, quando ainda em Portugal. O Decreto de 13 de maio de 1807 estabelece “o mesmo fiador, todo es-carlate com ouro”, para Aspirantes a Guardas-Marinha<sup>(7)</sup>. Não é demais lembrar que a Academia só chegará ao Brasil em 18 de janeiro de 1808, na Baía de



D. Pedro I

Guanabara, embarcada na Nau “Conde de Dom Henrique”<sup>(8)</sup>, no contexto da transmigração da família real, liderada pelo Príncipe Regente D. João.

No Brasil, o ano de 1823 é aberto pelo Imperador, em 8 de janeiro, com um forte discurso, conclamando pela união dos brasileiros em torno dele, “vosso perpétuo defensor”<sup>(9)</sup>. Exalta o patriotismo, os talentos e as virtudes individuais que devem estar a serviço do Império, e que sejam de valor para a “*grande obra de nossa Regeneração Política*”. O Brasil estava vivenciando o que a história consagrou como o Primeiro Império.

Na Marinha, o discurso de D. Pedro I chegou com a força capaz de separar os que queriam se alinhar à proposta do Imperador daqueles que deveriam retornar à sua terra natal<sup>(10)</sup>. A Armada Nacional encontrava-se completamente comprometida com a decisão da independência de Portugal<sup>(11)</sup>.

Na Academia Imperial, a certeza de estar perfeitamente “acomodada” e prestigiada junto ao Poder Político. Já não havia mais a ameaça de retorno desde que o Príncipe Regente, em um ato de rebelião, deixou de cumprir ordens de Portugal<sup>(12)</sup>.

Cuidados especiais foram observados para que não houvesse interrupção das atividades acadêmicas com o retorno de alguns professores e oficiais para Lisboa. As ações administrativas para recompor o corpo docente e garantir o efetivo

completo vinham por designações de “*Cartas Imperiais*”, o que nos permite visualizar o tratamento dispensado à Academia no mais alto nível de decisão do Império.

Ao apagar das luzes de 1823, mais precisamente no dia 27 de outubro, é assinado pelo membro do Conselho do Imperador, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Luiz da Cunha Moreira (1777 – 1865), e com a rubrica de Sua Majestade Imperial, o Decreto que traz o “*Plano para os uniformes dos officiaes da Armada Nacional e Imperial do Império do Brazil*”. Neste Plano são designados os uniformes que devem ser usados pelos oficiais do Corpo da Armada. Os aspirantes usarão os uniformes iguais aos dos oficiais e “*espada pequena também amarella*”. Relaciona, ainda, de outra forma, “*Florete de metal dourado, fiador de cordão de ouro e encarnado com um remate sem franjas*”. Por fim, o Decreto atribui ao Conselho Supremo Militar “*executar com os despachos necessários*”<sup>(13)</sup>.

É coerente inferir que a Academia Imperial tem a personalidade da Academia Real. A memória, a cultura e os costumes, “embarcados” em Lisboa, estarão presentes no estilo desta instituição de ensino. Apenas mudou de nome. No caso dos uniformes não foi diferente, e associando a presença do talim, espada pequena e florete, nos decretos mencionados, antes e após a Independência do Brasil, é factível colocar o espadim junto ao corpo dos aspirantes nestes dois períodos, sem interrupção do seu uso.

A primeira turma matriculada em 1823 na Academia Nacional e Imperial de Marinha foi de 46 alunos, a maior desde a época do Brasil colônia<sup>(14)</sup>. Este número, associado aos fatos mencionados, nos fa-



Luiz da Cunha Moreira, membro do Conselho do Imperador, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha

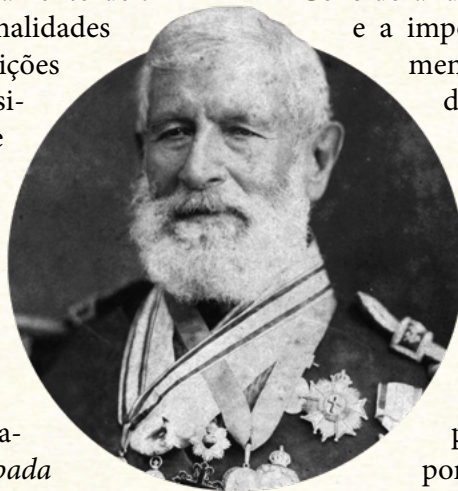
zem pensar no prestígio da Academia para a sociedade do Império.

Chega o ano de 1824 e com ele a “*Constituição Política do Império do Brasil*”, outorgada pelo Imperador Pedro de Alcântara de Bragança, D. Pedro I, em 25 de março. A Companhia de Guardas-Marinha e todo o pessoal da Academia deverão prestar juramento à Carta Magna<sup>(15)</sup>. Treze dias após o ato de assinatura da Constituição, uma grande e significativa cerimônia militar naval deverá acontecer na capital do Império.

Em 7 de abril de 1824 acontece a cerimônia, quando é lavrada, lida e assinada a Ata do Termo de Juramento<sup>(16)</sup>: “*Juro aos Santos Evangelhos obedecer, e ser fiel à Constituição Política da Nação Brasileira, a todas as suas Leis, e ao Imperador Constitucional, Defensor Perpétuo do Brasil, D Pedro I*”. Este ato, conforme descreve BOITEUX, foi acompanhado de “vivas” à Constituição, ao Imperador Constitucional e à Independência do Brasil<sup>(17)</sup>. É o “*Ato Solene que tornou a Academia genuinamente brasileira*”, “*uma página das mais belas inserta nos anais da Velha Academia*”<sup>(18)</sup>.

Dado ao pequeno intervalo de tempo entre a outorga da Constituição e o juramento de 7 de abril, considerando as formalidades descritas por Boiteux e as descrições do Scavarda, é pertinente considerar ser esta uma importante cerimônia para a Academia Imperial. É de se supor que estivessem formados com os seus uniformes de gala, fiador com cordão de ouro e encarnado com um remate sem franjas, chapéu com galão de franja lisa, com presilha de ouro e botão, e sapatos de fivela amarela<sup>(19)</sup> e “*espada pequena também amarela*”. É assim que se encontra descrito e a gravura que ilustra o texto, com o título de “*uniformes de 1823*”<sup>(20)</sup>, pode contribuir com o esforço de pensamento do leitor.

A Companhia é formada por 33 alunos, dezenove aspirantes e quatorze guardas-Marinha, dentre estes Francisco Manoel Barroso da Silva (1804 – 1882), futuro Almirante Barroso, Barão do Amazonas, Praça de 1821<sup>(21)</sup>. Nascido em Lisboa, Por-



Almirante Barroso

tugal, ingressou na Academia Nacional e Imperial de Marinha aos dezessete anos de idade. Atendeu à convocação do Imperador ao permanecer no Brasil e lutar por ele. Participou de quatro guerras, Cisplatina (1825 – 1828), Cabanagem (1835 – 1840), Farrapos (1835 – 1845) e Paraguai (1864 – 1870). É herói da Batalha Naval do Riachuelo.

Dos Alunos, destaca-se Joaquim Marques Lisboa (1807 – 1897), futuro Almirante e Marquês de Tamandaré. Praça de 4 de março de 1823, aos quinze anos<sup>(22)</sup>. Natural do Rio Grande do Sul. Permaneceu na ativa por 67 anos, “*herói da Guerra da Independência e de diversas revoltas ocorridas no nascimento da Nação. Foi ainda o Comandante das Forças Navais Aliadas durante a Guerra da Tríplice Aliança*”<sup>(23)</sup>. É o Patrono da Marinha do Brasil e o seu nome está inscrito no Livro dos Heróis da Pátria.

O Museu Naval, da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, tem em seu acervo o espadim que pertenceu ao então Aspirante a Guarda-Marinha Joaquim Marques Lisboa. É a materialidade, dentro do rigor histórico, da presença do espadim na Academia Imperial.

Considerando, ainda, o ato da Independência e a importância da cerimônia de juramento à Constituição em 7 de abril de 1824, com o reconhecimento de um “*Ato Solene que tornou a Academia genuinamente brasileira*”, são duzentos anos do uso do espadim.

A designação espadim como hoje conhecemos, e encontra-se em nosso imaginário, pode ser encontrada no primeiro dicionário da língua portuguesa, editado pelo padre Raphael Bluteau (1638 – 1734) em 1728, que o define como “*espada de folha curta e de pequenas guarnições*”<sup>(24)</sup>. Neste mesmo dicionário, o espadim aparece como espada menor ou florete.

Importante neste trabalho é o de preservar as certezas resgatadas no recôndito dos livros, manter o ânimo na busca por novos fatos, desafiar os historiadores e dar ao leitor um trabalho com resultado íntegro e autêntico.

O jovem Joaquim Marques Lisboa, futuro Almirante e Marquês de Tamandaré



O espadim que pertenceu ao Marquês de Tamandaré integra o acervo do Museu Naval

Os historiadores, que serviram de referências, nos deixaram registros preciosos. As mensagens, que brotam das pesquisas de fatos tão antigos, requerem o pensar constante e flexível, a ponto de nos aproximar dos elementos que compõem a realidade.

E neste ponto é preciso flexionar o pensamento, perceber que a história continua com a sua dinâmica, considerar os dados aqui inseridos, e deixar a certeza de que o espadim, que hoje faz parte dos uniformes dos Aspirantes, outrora existiu na Academia Real em Portugal, uma Instituição secular que se tornou a uma Marinha de tradições no mar e em terra. A “*espada pequena amarella*” ou o “*flore-*

*te*” cruzou o Oceano Atlântico, permaneceu após a Independência na Academia Imperial, pertenceu aos Aspirantes Francisco Manuel Barroso da Silva, Joaquim Marques Lisboa, Alfredo Karam e aos demais que são herdeiros deste “símbolo maior”, que se chama espadim e está presente nos dias de hoje na Escola Naval.

O espadim, como símbolo pleno de significados, transcende os limites do tempo e da imaginação de quem o porta e de quem o vê. Ele transmite mensagens em linguagem própria, diferente da lógica e da razão. Como objeto de desejo desperta sentimentos, emoções e, certamente, estabelece uma conexão com as gerações passadas. Reproduz parte da história e está a nos lembrar dos valores expressos na “Rosa das Virtudes”. É o símbolo maior dos aspirantes, masculino e feminino, este pela primeira vez em 2014.

Está presente na Escola Naval desde sempre, uma vez que já fazia parte da Academia Real da Marinha Portuguesa que veio para o Brasil em 1808 e que se tornou Academia Imperial após o ato de Independência.

O espadim de hoje, aprovado pelo Regulamento de fevereiro de 1902<sup>(25)</sup>, possui punho preto com voltas de fios dourados entrelaçados. O extremo superior está arrematado por uma bola em metal com “ferro” e as Armas Nacionais, uma de cada lado, em alto relevo. No terço médio superior, exposta transversalmente, uma peça em metal dourado, que pela sua arquitetura, evoca a Cruz de Cristo. Segue-se a lâmina de trinta centímetros em metal prateado, ornamentada, e que se acomoda em uma bainha de couro, acompanhada por três peças de metal dourado. Em duas destas, encontram-se os arganéus, perfeitamente dispostos, para talingar as pernadas do talim, que permitirão uma posição natural e elegante, quando o espadim estiver junto ao corpo do aspirante.



Espadim atual  
Acervo: Clube Naval

**Oficiais e uma aspirante do primeiro ano foram convidados a externarem as suas lembranças. Dentre estes, o ex-Ministro Alfredo Karam, o mais velho entre nós, e a Rafaella, que em 8 de junho de 2024 recebeu o seu espadim.**

**“Ao usar o espadim, após o juramento à Bandeira do Brasil, associei este fato ao conselho da minha mãe presente naquela cerimônia. Faça todo o esforço para cumpri-lo. E procurei fazer no decorrer da carreira, principalmente visando a uma das partes do juramento que diz o defender a Pátria com o sacrifício da própria vida.”**

Alte Esq (Ref<sup>o</sup>) Alfredo KARAM  
Ex-Ministro de Estado da Marinha (1984-1985)  
Espadim de 1941 (mensagem por áudio ao autor)

*“O espadim é o símbolo maior que distingue o aspirante. Ele evoca todos os valores que são mais sagrados aos marinheiros: a honra, a tenacidade, a força do caráter, a opção pela vida no mar e o comprometimento com o serviço da Pátria. Ao portá-lo, o aspirante leva consigo a permanente lembrança do juramento que prestou e do sonho que o inspira: ser oficial de Marinha.”*

Alte Esq (RM1) Eduardo Bacellar LEAL FERREIRA  
Ex-Comandante da Marinha – Espadim de 1971

*“O espadim para mim marcou o efetivo início de minha vida de aspirante na EN. E foi “trocado” pela espada, quatro anos depois, em novo rito de passagem ao ser declarado GM!”*

Alte Esq (Ref<sup>o</sup>) João Afonso PRADO MAIA de Faria – Presidente do Clube Naval – Espadim de 1966

*“Ao talingar o espadim nas pernas do talim de Aspirante, naquela manhã de 11 de junho de 1990, tive a imediata percepção de que estava, em definitivo, conectando-me à instituição que me acompanharia por toda a vida.”*

C Alte BELARMINO de Oliveira  
Comandante da Escola Naval  
Espadim de 1990

*“O espadim materializa, em aço, o solene compromisso de um Aspirante no alvorecer de uma promissora carreira.”*

V Alte (Ref<sup>o</sup>) Ricardo A. da VEIGA CABRAL  
ex-Presidente do Clube Naval – Espadim de 1959

*“Ao receber meu espadim tive a certeza de que o seu brilho iluminaria o novo rumo que escolhi, e sua forja fortaleceria meu espírito de coragem e justiça na defesa de minha pátria.”*

C Alte (RM1) Nilo Moacyr PENHA Ribeiro  
Espadim de 1978

*“Com o espadim em mãos, deixei meus sonhos de juventude me guiarem, minhas emoções fluírem, e minha mente, inquieta, me levar por mares de descoberta, aprendizado e conquistas, e hoje, com o coração sereno e em paz, tenho na visão do meu espadim as doces lembranças de um tempo feliz que vivi em minha querida Escola Naval.”*

CMG (EN) Sérgio Lima Pinheiro CHAGAS  
Ex-Comandante Aluno do Colégio Naval e  
ex-Comandante Aluno da Escola Naval – Espadim de 1979

*“O espadim simboliza o fogo sagrado do Aspirante.”*

CMG (Ref<sup>o</sup>) Júlio Cesar de Araújo PASSOS – ex-Comandante do NAeL “Minas Gerais” – Espadim de 1973

“Ao receber das mãos dos meus pais o espadim da Escola Naval, em Cerimônia solene, na Ilha de Villegagnon, e colocá-lo junto ao meu corpo preso ao talim, proferi o Juramento à Bandeira Nacional, olhei para o alto e os meus olhos penetraram o mais profundo no infinito azul do céu para agradecer ao Criador de todas as coisas.”

CMG (RM1-FN) YERSON de Oliveira Neto  
Espadim de 1979

“Superação e orgulho! Superação por ter conseguido ingressar na Escola Naval e ter tido resiliência para transpor os desafios dos seis primeiros meses. Orgulho por ter alcançado o símbolo maior do Aspirante: o espadim.”

CMG José Fabio Carneiro da Silva  
Imediato da Escola Naval – Espadim de 1993

**“O espadim da Escola Naval materializa o sonho de todo jovem que ambiciona seguir bela carreira de oficial da Marinha do Brasil.”**

CC (Refº-IM) Antônio TÂNGARI Filho  
Espadim de 1957

“Espadim: símbolo maior das minhas conquistas rumo ao oficialato.”

CMG (RM1-FN) IRINEU de Souza Fernando  
Espadim de 1973

“Guardo até hoje, pendurado na parede de minha residência, o meu espadim, que me remonta às boas lembranças da nossa querida Escola Naval.”

CMG (Refº-FN) JAIME Florêncio de Assis Filho  
Espadim de 1970

“A data mais almejada do ano, ou melhor, de muitos anos. O espadim simboliza, para mim, uma mudança de ciclo, a personificação de um sonho, o sentimento de pertencimento, um grito de vitória. É a página que inicia mais um capítulo da nossa história. A página inicial de nossas vidas como verdadeiros Aspirantes da Escola Naval.”

Asp RAFAELLA Bordallo Estrela  
Espadim de 2024

“Impetrar a discricionariedade de se armar de honra e dignidade, ratificando valores intrínsecos à Rosa das Virtudes, é o orgulho consuetudo do fidalgo Aspirante.”

1º Ten (IM) JULIANA Martins de Almeida BRAGA – Primeira Turma de Mulheres na Escola Naval – Espadim de 2014

## NOTAS

- (1) COSTA, Augusto Zacarias da Fonseca e. *Esboço Histórico da Academia de Marinha*. Rio de Janeiro, RJ, *Typographia do Imperial Instituto Artístico*. Rua Primeiro de Março. 1873.
- (2) ALBUQUERQUE, Antônio Luiz Porto e, *Da Companhia de Guardas-Marinhas e sua Real Academia à Escola Naval*. 1982.
- (3) SCAVARDA, Levy. “A Escola Naval através do tempo” *subsídios para o Estudo da História Naval Brasileira*. 1950.
- (4) ALBUQUERQUE, Idem.
- (5) ALBUQUERQUE, Idem.
- (6) BOITEUX, Lucas Alexandre, *A Escola Naval, 1761 – 1937*. Rio de Janeiro, 1940.
- (7) Apud SCAVARDA. 1950.
- (8) ALBUQUERQUE, Antônio Luiz Porto e, *Escola Naval: 200 anos no Brasil 1808 – 2008*; Revista Marítima Brasileira JUL/ SET 2009.
- (9) BOITEUX, Idem.
- (10) BOITEUX, Idem.
- (11) BITTENCOURT, Armando de Senna. *A importância do mar na história do Brasil*. 2006.
- (12) SCAVARDA e ALBUQUERQUE, 1982
- (13) Apud BOITEUX, 1940.
- (14) BOITEUX, Idem.
- (15) BOITEUX, Idem.
- (16) SCAVARDA, Idem.
- (17) BOITEUX, Idem.
- (18) SCAVARDA, Idem.
- (19) BOITEUX, Idem.
- (20) BOITEUX, Idem.
- (21) BOITEUX, Idem.
- (22) BOITEUX, Idem.
- (23) RIBEIRO, Luciano Melo. *MB: protegendo nossas riquezas*. 1 Ed. – Rio de Janeiro. 2017.
- (24) BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico... Autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos; e oferecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, 1712-1728*. 8 Vols. 2 Suplementos.
- (25) PADILHA, Érico Storz e COSTA, Carlos de A. de A. *Armas Brancas dos Oficiais da Armada no Brasil: da Colônia a República*. Revista Marítima Brasileira – RMB, nº 04/06, abril/ junho 2023.

\* Capitão de Mar e Guerra (RM1-FN)